

A alegria de viver

Volume 2

Histórias e casos dos associados da AJUBEMGE
organizadas em entrevistas realizadas no ano de 2023

Sergio Avila Rizo

A alegria de viver
Volume 2

Histórias e casos dos associados da AJUBEMGE organizadas em
entrevistas realizadas no ano de 2023

Volume 2
1ª Edição

Belo Horizonte
AJUBEMGE
2023

Copyright © Sergio Avila Rizo cedidos para a AJUBEMGE

Escrito no ano de 2023

P200g B869.301 Rizo, Sergio Avila

A alegria de viver. Volume 2 / Sergio Avila Rizo –
Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2023.
60p. ; 21cm

Texto em português

1. AJUBEMGE 2. Minas Gerais 3. BEMGE 4. História
de Minas Gerais 5. História dos bancos brasileiros - I.
Título II. Rizo, Sergio Avila

CDD. 659.134298161

*Este livro é dedicado a todos aqueles
que ajudaram a construir a história do
Brasil ao realizar o seu trabalho com
afinco no BEMGE e empresas coligadas*

ÍNDICE

Agradecimentos	9
<i>Sergio Avila Rizo</i>	
Palavra da Presidente	11
<i>Laíz Maria Martins Lannes</i>	
Da infância humilde em Pará de Minas ao Banco Hipotecário, FASBEMGE e BEMGEPREV	15
<i>Silvio Caitano da Fonseca</i>	
93 anos bem vividos e com muitas moradas no Brasil	19
<i>Rivadavia Saraiva do Brasil</i>	
O Bancário viajante!	23
<i>João Batista Mendonça Rodrigues de Menezes</i>	
De repente 100 anos!	27
<i>Maria da Conceição Leal Silva</i>	
Função: Lateral direito do time da agência!	29
<i>Celson Arlindo Rocha Elias</i>	
O guerreiro de Dom Joaquim	35
<i>Domingos Francisco Xavier</i>	
Lembranças de uma época em que o respeito permitia até almoço com o cliente na Agência!	41
<i>Lúcio Aristides Daldegan França</i>	
Dos tempos em que não existia calculadora digital à Faculdade na Terceira Idade	45
<i>Nelson Cândido Barbosa</i>	
Nossa grande Poeta de Diamantina	49
<i>Poeta Beth Guedes</i>	
Conheça a AJUBEMGE	55

AGRADECIMENTOS

O que pode ter em comum entre: um craque do futebol que jogava na lateral direita, uma poeta, um engenheiro civil que se formou com 60 anos e um líder comunitário que lutou pela melhoria da paisagem de sua cidade natal? Aparentemente, num primeiro momento, parecem ser personagens tão distintas que seria impensável a relação entre elas. Contudo, esse segundo volume que está em suas mãos nos mostra a rica variedade de histórias de vida que são aglutinadas pela linda relação dos protagonistas com o BEMGE e instituições congêneres.

É interessante notar que temos aqui novamente uma belíssima história de uma pessoa centenária, e que para a nossa tristeza faleceu muito pouco tempo após a publicação de nossa matéria. E aqui deixamos registrado as nossas condolências.

De outro lado, temos também a reincidência de histórias que mostram o quanto os nossos bancários aqui viajavam, estudavam e se desdobravam para fazer o seu melhor dentro do processo de expansão das agências bancárias por esse continente chamado Brasil. São recorrentes as falas de colegas que tiveram um filho em cada cidade, prova inequívoca do quanto as famílias se desdobravam para acompanhá-los por onde estivessem.

Outro ponto que merece destaque compreende a potência sobre aquilo que todos realizaram após a aposentadoria. Temos uma querida Poeta que abrilhantou o trabalho cultural na cidade de Diamantina, um Engenheiro Civil que se formou com 60 anos e o já citado líder comunitário que teve uma luta hercúlea para melhorar a paisagem de sua cidade. São exemplos que nos chamam a atenção para a mudança de paradigma sobre a terceira idade que está em curso no Brasil. Com o envelhecimento da população, melhoria nas condições de vida e a diminuição da taxa de natalidade, existe sim uma tendência para que a participação do idoso seja cada dia mais impactante nos contextos sociais e, dessa forma, aquele estereótipo da “vovó que faz o bolinho de chuva” está sob pressão!

Somos indivíduos especiais e esse segundo volume mostra o quanto fizemos e que fazemos. A magnitude de tudo isso é algo que me orgulha muito e tenho certeza que orgulha a todos os familiares, amigos e especialmente os colegas da AJUBEMGE. Assim, eu não tenho palavras para agradecer o carinho de cada entrevistado bem como o apoio da AJUBEMGE para que esse projeto se materializasse pelo segundo ano consecutivo.

Um grande abraço!

*Sergio Avila Rizo,
novembro de 2023*

PALAVRA DA PRESIDENTE

O ano de 2023 foi particularmente importante para a AJUBEMGE por nele termos comemorado os nossos 55 anos de existência. Se fosse a comemoração de um casamento seriam as Bodas de Ametista! É mais de meio século de trabalho e eu sinto essa responsabilidade em meu papel de presidente.

Esse ano foi desafiador. Tivemos que ajustar muitas demandas administrativas para que pudéssemos dar fôlego para o futuro da Associação. Creio que não cabe aqui pormenorizar tais demandas, mas sim a alegria de vermos as coisas acontecerem. Seja em nossos encontros presenciais ou online, em nossos bingos, ou ainda em nossas festas e reuniões eu senti a alegria de um grupo que sempre luta pelo melhor para todos.

Essa postura de busca pela sabedoria para orientar os nossos atos é um legado que, como pontuamos, já tem mais de meio século. A maneira como nos sintonizamos com a realidade e tudo aquilo que se prenuncia para o futuro nos gera preocupação que é canalizada em ação e entusiasmo.

Um bom exemplo disso está nessa obra que agrega um pouco da história de nossa associação a partir das histórias de vida de nossos

pares. Foi muito reconfortante ver em nosso jornal, a cada mês um tijolinho sobre aquilo que foi o trabalho para a consolidação dos Bancos Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, Mineiro da Produção e o BEMGE, o nosso Banco do Estado de Minas Gerais.

Preservar essa memória é um legado, não apenas da Laíz, mas daquele que estiver ocupando esse cargo de presidente. Já diria o filósofo que não temos como entender o presente sem estudar o passado. E o nosso passado foi muito belo.

Quero aproveitar esse segundo volume para novamente homenagear os parceiros de trabalho aqui na AJUBEMGE. Sem eles eu não teria condições de levar a cabo tantas demandas:

Diretora Vice-Presidente: Terezinha Bertolini de Souza,

Diretor Financeiro: Randas Costa Zanotti ,

Diretora Comercial: Mirani Lopes Vieira Liberal,

Diretor Cultural e Social: Luiz Fernando da Silva

Telles e Diretor Administrativo: Edgard Magalhães Bastos, Conselho Fiscal – Efetivo: Plínio Buarque Vogas, Lourival Lelles e Adair José de Souza,

Suplentes da Diretoria Executiva: Maria Olímpia Marques Ferreira, José Antônio da Costa, Rosângela Custódio, José Mauro de Carvalho,

Mauro Peres Macedo e Hélio Vieira Braga, Suplentes do Conselho Fiscal: José Gregori Júnior e Délcio Pinto da Silva,

Diretores Adjuntos: Jonair Alves de Oliveira (Governador Valadares), José Roberto Oriente (Rio de Janeiro), Rubens Prates Macedo (Belo Horizonte), Tarcísio Ferreira da Costa (Belo Horizonte).

E funcionários:

Elisabeth de Faria Almeida,

Maria Aparecida da Silva,

Vanina de Freitas Pontes Vieira e

Wilma Soares Lima

Espero que você se delicie, como eu me delicieei com as histórias que você lerá nas próximas páginas.

Laíz Maria Martins Lannes
Diretora Presidente

Da infância humilde em Pará de Minas ao Banco Hipotecário, FASBEMGE e BEMGEPREV

Silvio Caitano da Fonseca

No auge dos seus 80 anos de idade, o Senhor Silvio Caitano divide conosco aqui sua trajetória vitoriosa desde sua infância humilde até o presente momento.

Senhor Silvio, muito bom dia! Para começar a nossa entrevista, eu peço que primeiramente o senhor se apresente. Qual a sua origem?

Nasci na cidade de Pará de Minas, aqui no Estado de Minas Gerais, no distrito de Torneiros no dia 1º de julho de 1942. Eu sou o quarto filho de uma família de 11 irmãos e fui registrado com o nome de Sílvio Caitano da Fonseca. Eu fiz o curso primário em escola rural, sendo o primeiro e segundo ano em Torneiros e o terceiro ano no distrito de Carioca. Nessa época eu já trabalhava, tendo como companheiros de serviços, meu irmão mais velho que eu (12 anos) e o empregado, nosso primo (15 anos). Tínhamos como rotina acordar às 4h para recolher o gado (poucos), tirar o leite e entregar no caminhão que passava na porta às 7h. Às 8h eu ia para a escola. Era um percurso de 6km. Eu voltava ao meio-dia e ia cuidar das coisas de casa e da minha avó que tinha idade avançada. Eu e meu irmão

alternávamos nossa presença de final de semana junto com os nossos pais e irmãos na residência de Torneiros. Na época, a escola rural tinha só até a terceira série. No ano de 1954 eu fui para a cidade sede, completar a 4ª série. Em 1955, após uma prova de seleção, entrei para o INSTITUTO CORONEL BENJAMIM FERREIRA GUIMARAES - ICBFG, onde eu pude estudar por 3 anos. Daí fui transferido para o colégio São João em São João Del-Rei, onde fiquei até 1959. Já em 1960, estava trabalhando e estudando em Belo Horizonte. Fiz concurso e ingressei no colégio Estadual Central, onde cursei o Clássico, à noite. Durante o dia eu trabalhava na L. Bretas & Cia Ltda. Fiquei lá até o mês de julho de 1962. Depois, eu fui trabalhar na Domus Gás S/A e sai em março de 1964, quando assumi uma vaga no Banco Hipotecário.

Quando e onde o Sr. começou sua trajetória no Banco?

Já preparando-me para enfrentar o vestibular, fui trabalhar no Banco Hipotecário, onde fiz carreira. Eu fui efetivado em 1965 como auxiliar de escritório na Contadoria Geral e depois nomeado Chefe de Departamento em 1974; Chefe de Setor em 1976 e depois passei para Gerente de Planejamento Tributário em 1989 e me aposentei como Gerente da GRTRI em dezembro de 1993.

Quais são as melhores lembranças dessa época?

Só tenho boas lembranças. Tudo era feito com imensa alegria, reitero: só tive lembranças boas em toda a minha vida profissional. Sempre respeitei meus chefes e subordinados e sempre fiz grandes amigos no ambiente profissional. Em 1975 casei-me na cidade de Pará de Minas com Maria Elizabeth. Nós tivemos um casal de filhos: Anna Flávia e Guilherme. Eles nos deram dois netos: Gael e Felipe de 8 e 11 anos respectivamente. Depois de aposentado eu ainda fui Diretor Administrativo da FASBEMGE; Conselheiro Fiscal da Fundação Itaú

e Conselheiro Administrativo da BEMGEPREV até o ano de 2008. Período em que realizei muitas viagens e reuniões.

Que mensagem de vida o Sr. gostaria de dividir com aqueles que estão lendo sua entrevista?

Acredito que o trabalho com afinco ajuda muito a progredir na vida. Eu trabalhei muito, de dia, de noite para sustentar minha família. E sempre me senti gratificado ao fazer isso com prazer e dignidade. Aliás, eu havia esquecido de mencionar que foi com muito esforço que o meu trabalho permitiu que eu realizasse um sonho que foi me formar em Direito (1970 na PUC Minas). Deixo como mensagem: não desanime, você pode, você chega lá. Faça seu trabalho com esmero e responsabilidade, ajude a quem necessitar de sua ajuda e aceite de bom grado conselhos e auxílio daqueles que tem mais experiência e sabedoria que você. Desse modo você estará no caminho certo.

93 anos bem vividos e com muitas moradas no Brasil

Rivadavia Saraiva do Brasil

Não guardar mágoas e manter a cabeça ativa com muitas atividades são os conselhos que o goiano radicado no Paraná, o Sr. Rivadávia, no auge dos seus 93 anos de idade nos ensina como estratégia para a longevidade. As breves linhas a seguir resumem uma vida de muito trabalho, estudo e dedicação à família.

Sr. Rivadávia, ao contrário de tantos amigos da AJUBEMGE a sua origem e ocupação profissional se deram em grande parte fora do Estado de Minas Gerais. Será que podemos começar a nossa prosa por aí?

Eu nasci no dia 14 de maio de 1930. São 93 anos muito bem vividos (risos). Pois bem, eu nasci numa cidade de Goiás que faz divisa com a Bahia, o nome dela é Posse, eu digo Posse de Goiás. Meu pai andava muito por esse mundão aí! (risos). E eu estudei o ensino primário em Urutaí. Dos meus 11 aos 18 anos eu trabalhei junto com meu pai como alfaiate, depois eu fui para o serviço militar num regimento que ficava na cidade de Ipameri.

Em Goiás?

Sim, em Goiás. Eu fiquei lá por 2 anos. Eu me graduei como Cabo acho que em 1950 e saí do exército. Daí eu fui para Goiânia e percebi que sem estudos eu não teria boas oportunidades de trabalho. Então eu me matriculei no Curso Madureza que permitia que eu terminasse o “ginásio” em 1 ano. Foi puxado, mas eu consegui. E depois eu me matriculei na Escola Técnica de Contabilidade de Goiás. E aí que começa a minha vida bancária.

Em Goiás mesmo Sr. Rivadávia?

Sim, eu comecei trabalhando no Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, depois fui para Banco Industrial de Minas Gerais e mais tarde para o Banco Nacional de Minas Gerais. Quando eu estava neste último, eu pedi transferência para Belo Horizonte, mas não me deram. De toda forma, eu prestei concurso para o Banco Nacional de Minas Gerais, ainda em Goiânia, e eu consegui entrar, concursado. Aí sim eu trabalhei um pouco em Belo Horizonte depois me transferiram para Goiânia e de lá eu fui para Curitiba.

O Senhor não conseguia sair de Goiás hein! Aí mudou de vez para longe, para Curitiba? (risos)

É isso (risos). E o mais interessante é que eu fui para Curitiba acho que predestinado viu! Lá eu trabalhei no BEMGE e permaneci no banco até me aposentar. Só que em Curitiba eu fiz muitas coisas.

O senhor trabalhou em quais áreas do banco?

Nossa, meu filho! Trabalhei em tudo que é área! (risos). Passei por diversas áreas e funções: tesouraria, caixa, relações públicas, assistente de gerência, subgerência. Você sabe que uma vez eu até recebi uma menção honrosa por ser o maior “abridor de contas” (sic) da região Sul do país (risos). Mesmo trabalhando no caixa, eu sempre

arrumava um jeitinho de puxar papo e assim eu conversava com todo mundo e, sabe como é... a gente sempre dava a sugestão para a pessoa abrir conta no banco (risos).

Então a agência do BEMGE em Curitiba foi importante para o senhor?

Importante? Muito importante, acho que eu cheguei em Curitiba no ano de 1958 e nessa cidade eu conheci a minha esposa Joyce Tamura Saraiva do Brasil com quem estou casado há 60 anos. Ela nasceu em Porto União, em Santa Catarina, foi criada em Ponta Grossa e veio para Curitiba me encontrar (risos). Aqui onde moro (Curitiba) tanto eu quanto ela fizemos a vida. Eu trabalhei muito no banco, mas também fiz a graduação em economia na Faculdade de Ciências Econômicas e Administração do Paraná, já que não conseguir entrar em medicina. Fiz ainda o curso CENAFOR na UFPR, que me permitiu lecionar até em cursos superiores. Minha esposa é descendente de japoneses e sabe que nós aqui em Curitiba tínhamos um conjunto de música japonesa? Acredita?

Que interessante!

Sim, e a gente criava uns concursos e disputávamos com as bandas de Londrina e Maringá!

Está aí uma coisa que eu não poderia imaginar! Quer dizer que o senhor além de bancário ainda foi professor e músico?

Eu trabalhava no banco e de noite dava aulas. Em outra fase eu cheguei a ser diretor do Colégio Nilson Baptista Ribas. Minha esposa também foi professora e diretora escolar ficando muitos anos nessa função. Nós nos casamos no ano de 1963 e eu tenho orgulho de ter 2 filhos: o Marcelo que é dentista e o Maurício que é cardiologista; 3 netos: Giovana que é arquiteta e a Jaqueline que é também é dentista

e o Bernardo que tem 8 anos. Além disso, tenho 1 bisneto, o nome dele é Arthur e ele tem 6 aninhos.

Que interessante. Eu queria finalizar essa entrevista pedindo para o senhor deixar uma mensagem para todos os amigos do BEMGE.

Sabe, eu tenho uma lembrança muito boa de amizade e carinho com todo mundo que eu trabalhei, especialmente no BEMGE. Acho que a melhor mensagem é dizer que para viver bem, a gente precisa ter uma boa convivência. Precisa de persistência, união e não ter mágoa no coração. Além disso, eu acho que ao cuidar das minhas hortinhas e tocar os meus instrumentos (saxofone, clarinete e teclado) eu ganho mais saúde, mais paz. Com a idade é inevitável que a gente não precise de uns remedinhos, mas acho que o principal remédio é o remédio pra alma que é, como eu já disse, não guardar mágoa.

Muito obrigado Sr. Rivadavia.

Eu que agradeço a sua entrevista e a gentileza dos diretores da AJUBEMGE em lembrar de mim. Desejo a todos os diretores e funcionários da uma profícua gestão. Obrigado. (risos)

O Bancário viajante!

João Batista Mendonça Rodrigues de Menezes

A história do Senhor João Batista Mendonça Rodrigues de Menezes se confunde com a história do processo de expansão do Banco Mineiro da Produção - BMP. Suas viagens profissionais por todo o Brasil realçam de um lado a grandeza e a capilaridade do BMP e, de outro, a importância de se fazer o que gosta. Aliás, essa é a grande mensagem desta entrevista.

Senhor João Batista, gostaríamos que o senhor começasse nossa entrevista falando um pouco sobre a sua origem e de como começou a trabalhar no Banco Mineiro da Produção.

Pois bem, eu nasci em 1/8/1937 na área rural de Nepomuceno, uma cidade no Sul de Minas Gerais que é reconhecida pela produção de café. Com 3 anos de idade eu e minha família fomos morar na cidade. Meu pai era caminhoneiro e transportava café para muitas cidades: Varginha, Lavras e muitas outras. Eu adorava viajar com ele. Era algo delicioso para um menino naquela época. Quando eu entrei no Banco eu já tinha feito o ginásio.

O senhor começou trabalhando na agência do BMP de qual cidade?

Comecei em Nepomuceno mesmo no ano de 1955 como contínuo, e depois fui trabalhar em Copacabana, no Rio de Janeiro. Veja só a diferença! Lá eu passei de contínuo para a função de escriturário. Detalhe importante, eu já fui para lá noivo e depois retornei e me casei em Nepomuceno no ano de 1958 e depois eu ainda fiz o concurso e me efetivei para valer. Foi um período muito instrutivo, aprendi demais e fui muito feliz.

Que legal! Aí o senhor se fixou em Nepomuceno?

Não! (risos) Eu rodei todo o Brasil trabalhando no Banco: de Manaus a Porto Alegre. Tirando os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em que o BMP não tinha agência, nos demais Estados eu participei direta e indiretamente da abertura de agências e de processos.

O Sr. me lembrou o seu pai que era caminhoneiro!

Verdade, só que eu rodei um pouquinho mais do que ele. E por outra coincidência, o café também entrou na minha vida nos últimos tempos quando eu comprei uma pequena propriedade produtora de café em Nepomuceno (risos). Mas sabe, voltando às viagens, eu gostava muito do que eu fazia e a melhor parte era fazer novos amigos. Eu morei e trabalhei em muitos lugares. Além de Nepomuceno e do Rio de Janeiro, eu morei em Passos, 7 anos em São Paulo, depois em Londrina, Porto Alegre, São Paulo de novo e por volta de 1970, quando já havia acontecido a fusão dos bancos que gerou o BEMGE, eu fui para Belo Horizonte.

Mas aí o senhor já havia mudado de função, não é?

Sim, eu rodei trabalhando em muitas agências de Belo Horizonte como gerente, mas depois eu fui trabalhar na área administrativa do Banco, fui Chefe de Sessão, Superintendente, Chefe Adjunto e Diretor. Eu fui diretor do Banco na Região Nordeste numa época e do Sul em outra época. Você sabe que eu e minha esposa Ivone rodamos tanto que nossos 3 filhos nasceram cada um em uma cidade: A primeira, Raquel, nasceu em Passos, depois veio o André em Nepomuceno mesmo e, por último, o Eduardo em Belo Horizonte. Eles me deram 3 netos: 2 moças e 1 rapaz.

Que interessante, e como era a sua vida nessa época?

Ah, eu sinto muitas saudades daquele tempo. Vida muito boa. Agitada, e eu sempre estava conhecendo novas pessoas. Fiz muitos colegas.

Sério?

Sim, em uma agência de Belo Horizonte. Éramos colegas de trabalho. Insisto, eu era muito satisfeito com o que fazia e a cada dia eu fazia novos amigos.

E o senhor ficou até que ano no Banco?

Eu me aposentei em 1987 e logo em seguida eu assumi a diretoria do Banco, fiquei mais 3 anos na diretoria antes de parar de trabalhar. Agora, já fazem uns bons anos que eu me dedico a plantar café (risos). Virei produtor de café! E minha filha se entusiasmou com essa história e se especializou no assunto. Hoje nós produzimos um café especial, eu moro na roça, a 6 km da cidade num sítio com 1100m de altitude. Daqui eu vejo a cidade de Nepomuceno todinha. Você sabe que os melhores cafés são àqueles cultivados na montanha?

Sim, e de Minas Gerais! (risos) Que interessante! Queria finalizar pedindo para o senhor mandar uma mensagem sobre onde o senhor acha que reside a felicidade, digo, sobre o que o senhor aprendeu na vida.

Eu me considero um vencedor, sem falsa modéstia. Eu assumi uma profissão que eu gostei. Fui bancário toda a vida e acho que tive sim uma influência do meu pai, mesmo que por coincidência, por viajar tanto.

Parece até que eu nasci para ser bancário e me sinto um homem realizado. Não sou rico, mas eu tenho uma vida tranquila e eu agradeço a tudo o que o banco que me deu. Acho que um pilar da felicidade é a pessoa trabalhar com o que gosta de fazer. Por isso eu me sinto um homem realizado e só tenho boas recordações de meus colegas, de Manaus a Goiânia, na região Nordeste, Sul e tantos outros lugares. Muitos desses colegas já não estão mais entre nós, mas eu guardo aqui, com meus 85 anos de idade, uma lembrança de muito carinho.

A mensagem é fazer o que gosta, conhecer coisas novas e fazer amizades. Para mim, acho que essa é a fórmula da felicidade viu! E olha que eu fui muito desafiado, eu implantei a carteira habitacional no Banco, isso nos anos de 1970. Fui fazer faculdade em Ciências Contábeis e em Direito com mais de 40 anos, ou seja, era uma ânsia em aprender coisas novas que estavam ligadas ao que eu gostava de fazer e me traziam satisfação e realização profissional, assim como ocorria no BMP e no BEMGE.

De repente 100 anos!

Maria da Conceição Leal Silva

No dia 16 de maio, a nossa associada Maria da Conceição Leal Silva passou a compor o seletto grupo de centenários que fazem parte da AJUBEMGE. Por conta disso, fizemos questão de conversar com ela e seu filho Ronaldo Eustáquio para conhecer sua história de vida a fim de realizar uma singela homenagem. Dona Maria da Conceição foi casada com o Sr. José Ferreira da Silva que trabalhou no Banco Mineiro da Produção por mais de 33 anos. “Minha mãe fez o primário na idade de 18 para 19 anos e ela arrumou um professor que virou seu namorado e que se casou com ela” (nessa parte inicial da entrevista todos caíram na gargalhada).

O Sr. José Ferreira exerceu muitas funções no banco, tanto que lhe foi atribuído o apelido de “Caminhão” devido a sua notável força de vontade e energia. De outro lado, a Dona Maria da Conceição era a sua fortaleza. Era ela quem levava sua marmita e batalhava para tudo dar certo cuidando dos 10 filhos que tiveram e fazendo e vendendo salgados para complementar a renda. “Meu pai trabalhou muito no Banco, tanto é que ele chegou a ganhar um relógio de ouro como honra pelos seus 25 anos de serviços prestados e, além disso tem uma história que certa vez ele recebeu uma carta que dizia que ele tinha

virado o presidente do banco e isso quase matou ele do coração” nos conta Ronaldo (novas risadas).

“Caminhão” executava serviços diversos tais como fabricar as caixas para transportar com segurança os equipamentos da rotina bancária entre as agências ou ainda selar e levar as cartas do banco ao correio. O serviço era tanto que muitas vezes ele levava os malotes de correspondência para a casa para serem devidamente selados com o apoio de sua esposa. Isso, sem contar que muitas vezes o ofício o levava a trabalhar 24h ininterruptamente, isso numa época em que não existia telefone e os meios de transporte eram exíguos. Contudo, era também uma época em que a cidade de Belo Horizonte tinha muitas áreas rurais e a cultura popular era muito forte. Tanto é que a família morava no bairro Sion e muitas festas na época, tradicionalmente começavam na sexta-feira e terminavam no domingo.

A residência no Sion foi adquirida por seu pai e o terreno abrigava uma casa para moradia e outra como casa de campo que era locada para políticos da época. Lá tinha pasto, vacas e cavalos. O pai da dona Maria da Conceição também tem uma história riquíssima vindo sozinho da Bahia com 7 anos de idade, mas deixaremos essa história para outra hora. Fica então aqui o nosso registro de uma senhora alegre nascida em 1923 e que viveu a ascensão de Belo Horizonte construindo uma família com 10 filhos, 19 netos, 30 bisnetos e 4 tataranetos.

* Para a nossa tristeza, dois meses após essa matéria ser publicada, a Dona Maria da Conceição foi ao encontro de seu esposo José Ferreira. Que ela descanse em paz tendo a certeza de que a memória de sua vida continuará inspirando os familiares e amigos.

Função: Lateral direito do time da agência!

Celson Arlindo Rocha Elias

Na iminência de completar 80 anos, esse mineiro radicado no Espírito Santo nos conta uma linda história pessoal estruturada em 3 pilares: na dedicação ao trabalho no Banco, na alegria de viver e, especialmente, no respeito e carinho com a sua esposa e família.

Sr. Celson. Temos uma particularidade nessa entrevista, o senhor está fora de Minas Gerais, mora em Vitória, a capital do Estado do Espírito Santo. Assim, inicialmente, eu queria ouvir do senhor um pouquinho sobre as suas origens e de como o senhor foi parar na capital capixaba?

Vamos lá! Vou tentar resumir (risos). Eu sou mineiro sim, nasci em Tombos. Meu avô era árabe e se casou com uma italiana. Agora se prepare, você está sentado? (risos). Eles tiveram 25 filhos. Você não ouviu errado. Dava para montar dois times de futebol completos e ainda ficavam 3 jogadores na reserva (mais risos).

Nossa! Que legal!!!

Meu pai era bancário, ele trabalhava no Banco Mineiro da Produção. E eu lembro de muitas vezes na minha infância de ir ao banco para

brincar enquanto ele estava no serão. Papai era contador e foi transferido para uma cidadezinha chamada Luz, depois para Bom Despacho, Ubá e por último para Vitória. Eu cheguei aqui com 7 anos de idade. Era por volta de 1950. Se eu nasci em 1943, creio que chegamos aqui em Vitória entre 1950 e 1951. Vitória era uma cidade muito pacata e todo mundo conhecia todo mundo. Fico até emocionado quando me lembro dessa época. Só que, voltando ao banco, você se engana se acha que eu entrei lá por indicação do meu pai (risos).

Se não foi, gostaria que o senhor contasse como foi que começou a trabalhar no banco, foi por concurso?

Rapaz! A minha história é muito interessante. Desde a minha juventude que eu jogo futebol, eu cheguei a jogar no time juvenil do Fluminense e na Seleção Capixaba de Futebol Juvenil. Acontece que em Vitória tínhamos um campeonato de futebol muito concorrido e aí, o gerente de uma importante agência bancária me contratou para que eu pudesse jogar pelo time da agência (risos). Ganhamos um monte de campeonatos, o gerente fez um time de primeira linha e ganhávamos tudo. E eu jogava na lateral direita, eu chutava com os dois pés: um de cada vez para não cair (risos). Naquela época tinha muita indicação. Mas depois veio um concurso interno para regularizar a situação dos funcionários. Eu passei nesse concurso (é claro que não sei de alguém que tenha sido reprovado...). Eu tomei gosto pelo trabalho no banco e fiz carreira. Eu entrei no banco com 18 anos em 1962, em 16 de março de 1962 e me casei em 15 maio de 1965 com Maria Adalgisa Garcia Elias e ainda sou apaixonado por ela. E falo dela aqui porque foi o banco e ela que me deram um alicerce.

Que interessante! Quer dizer que o senhor entrou para jogar futebol e depois achou a sua vocação como bancário, me conta mais desse início e de sua trajetória.

Vamos lá! Eu comecei como escriturário, depois passei para conferente. Lembro que na época o Ministério do Trabalho estava ajustando com os bancos o horário de trabalho mais adequado e foi muito conveniente que eu me tornasse conferente pois era uma função que permitia que eu trabalhasse das 9 às 11h e depois, na parte da tarde até às 18h. Em 1972 eu fui nomeado como gerente da agência de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. Trabalhei lá por 2 anos e depois fui transferido para a Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro. Foram 6 meses na agência do Meyer e depois para a agência da Cinelândia. Eu peguei uma fase em que o sistema bancário estava criando o Open Market. Esse sistema era assim: o banco negociava o seu movimento diário para tentar valorizar, fazer um superávit. Nessa função eu me realizei, trabalhei nela um tempo. Do Open eu fui chamado para trabalhar na diretoria como assistente técnico de um dos diretores cuidando de admissões e demissões. Só que eu estava muito distante da minha família e os filhos estavam crescendo e eu não estava acompanhando isso como eu gostaria.

Pelo acesso que eu tinha, eu obtive a informação que havia uma vaga para a função de procurador em Vitória e de pronto eu me candidatei e consegui essa vaga. Com a minha vasta experiência no banco, eu rapidamente já fui chamado para ser gerente. Tudo bem que anos depois eu ainda tive outra passagem por Campos dos Goytacazes, mas vamos deixar isso para outra prosa.

Eu vim para Vitória no ano de 1991 e me aposentei em 1992. Devo tudo ao Banco Mineiro da Produção que depois se fundiu e virou o BEMGE. E tem até uma situação engraçada que logo que eu me aposentei nasceu o meu primeiro neto e eu passei a participar muito

da criação dele, foi uma alegria só! E o sapeca que não sabia nada da minha história dizia que queria ser como o vovô: “ele não trabalha - quero ser preguiçoso e não fazer nada” (risos).

Nossa! O senhor conheceu muito do sistema bancário, não? Nunca pensou em sair do banco?

Eu tive muitos direitos que eu não busquei para não ferir a minha lealdade com o banco, as vezes a gente tinha um direito a mais, mas nunca pensei em entrar contra o banco. Me lembro que recebi vários apelidos por causa disso, mas eu nunca me sentiria bem se fizesse isso. Eu não trabalhava por dinheiro, mas por vocação. É por isso que eu não adoeço, eu sou feliz desde lá de trás. Eu atravessei todas as marés do banco, tive diversas oportunidades de sair. Teve até uma situação em que uma empresa chamada Brascred se aproximou de mim para que eu fosse trabalhar lá. O empresário perguntou quanto que eu ganhava no banco, e me fez uma proposta que eu tivesse um salário 6 vezes maior. Foi uma loucura! Minha família ficou em festa, fizemos uma farra! E eu também fiquei muito feliz num primeiro momento, cheio de expectativas para ter uma renda maior. Só que passada a euforia, eu fiquei muito triste por me ver longe do banco onde fiz um excelente ambiente e muitos amigos. E aí vem a minha heroína, minha esposa, ela percebeu que eu não estava tão feliz assim e me falou: “Eu quero é ver você feliz, se não é para você ser feliz, que não vá”. Nossa! Minha esposa é a pessoa mais importante da minha vida, é o meu amor até hoje! E nessa situação eu renunciei ao emprego, me desculpei com o empresário e segui a vida no banco. Você sabe que ele quis até me bater?

Anos depois eu fiquei sabendo que essa empresa faliu! Se eu não tivesse ouvido a minha esposa, teria ficado desempregado e com 3 filhos para criar. Pensa nisso!

Senhor Celson, a sua história aqui é uma das mais interessantes que nós já contamos no Jornal da AJUBEMGE. O senhor tem muita leveza e alegria. Sua irreverência é contagiante. Queria pedir para o senhor deixar aqui registrado o que o senhor aprendeu com a vida, digo, uma mensagem que o senhor gostaria de dividir com nossos leitores.

Sabe que eu aprendi que um homem feliz não adocece. Eu até tomo cerveja todo dia para ver se adoço, mas continuo firme e pretendo viver até os 160 anos. No banco eu aprendi tudo o que sei, não sou exemplo não! Cada um tem o seu destino. Não dou conselho, sou cheio de defeitos, não me coloco em posição de dar conselho, mas insisto que acho que cada um tem o seu destino. O que posso dizer é que a vida é amor, se você ama você vive muito. Fazer amizades, amigos, amigos do dia a dia, o ser humano, as pessoas mais simples as vezes mostram mais caráter do que aqueles com pompas. O dinheiro não é tudo. A gente precisa do dinheiro suficiente para dar o conforto, mas sem amor fica difícil. Eu me orgulho de ter encontrado o amor da minha vida e com ela ter construído uma família com 3 filhos e 3 netos.

O guerreiro de Dom Joaquim

Domingos Francisco Xavier

Aos 86 anos de idade o Sr. Domingos Francisco Xavier é um verdadeiro guerreiro que tem sua trajetória de vida marcada pela persistência e o desejo de evoluir profissionalmente no Banco Mineiro da Produção mesmo antes de trabalhar formalmente nele. Não bastasse isso, ele foi um dos primeiros gerentes negros do Banco Mineiro da Produção e o indutor de uma importante disputa por melhoria da paisagem simbólica de sua cidade natal que virou tema de 2 livros. Essa é uma das entrevistas mais potentes de nosso jornal.

Sr. Domingos, já sei que o senhor tem uma trajetória muito vencedora, mas também cheia de desafios. Assim, eu gostaria de começar pedindo para o senhor por gentileza se apresentar e dizer quando começou a trabalhar.

Vamos lá! Vou tentar resumir. Eu sou da cidade de Dom Joaquim que fica há quase 200km de Belo Horizonte. Minha mãe cuidava da casa e dos filhos e meu pai era lavrador. Nos idos do ano de 1943 ele faleceu. Minha mãe ficou viúva e com 7 filhos para criar. Por conta disso, 4 anos depois nós viemos todos para Belo Horizonte, fomos morar na Vila Lídia, hoje Alto da Barroca. Eu tinha 10 anos quando

cheguei aqui na capital e já tive que trabalhar para ajudar. Foi tudo muito intenso e eu completei o meu ensino primário no Colégio Santo Agostinho. Estudei ainda no Colégio São Lucas e fiz o secundário no Colégio Panamericano onde me formei em contabilidade. Só que para falar da minha história com o Banco Mineiro da Produção eu preciso te contar que eu comecei bem modestamente (risos).

O senhor fez concurso? Como foi a sua entrada no Banco?

Na verdade, eu trabalhava na Empresa Paulista de Enceramento. Era a empresa que tinha o contrato para fazer a limpeza do banco e, trabalhando na limpeza, eu consegui começar a trabalhar como contínuo e depois fiz o concurso público para ser escriturário. Eu tinha muita perseverança, acreditava demais que um dia eu seria gerente do banco. Sempre pensava positivo! Com a minha entrada no banco eu tinha certeza de que iria crescer profissionalmente e realmente, a minha carreira deslanchou.

Nossa! Realmente o senhor tem um ingresso no Banco bem diferente de outros colegas aqui que nós já entrevistamos. E o senhor começou em qual agência ou unidade?

Eu comecei na Agência Tupis do Banco Mineiro da Produção, sempre estudando e trabalhando. O meu curso de contabilidade eu terminei em 1969. Eu percorri muitas agências: a “Mercado” que depois passou para Goitacazes. Na sequência eu inaugurei a Agência do Barreiro e depois rodei um pouquinho: fui para a Agência do CEASA, Betim e no fim de 1984 voltei para a Agência do Barreiro para ser Gerente na Agência do Bairro que eu morava desde 1960. Eu sou uma pessoa abençoada por Deus. Vale lembrar que na Agência “Mercado” eu também tive a oportunidade de ter vivido a situação de ser contínuo e depois de Gerente Geral, agora do BEMGE. Isso é uma coisa incrível mesmo. Tenho muito orgulho e alegria de ter vivido essas situações. E digo mais, algo que eu não tenho certeza, mas a

sensação de ter sido se não o primeiro, um dos primeiros Gerentes negros do BMP.

A sua trajetória é realmente impressionante, imagino que a sua família também se orgulha muito do senhor. Aliás, não posso deixar de perguntar sobre a sua família.

Em novembro desse ano eu e minha esposa Marleide Barbosa Xavier faremos “63 anos de casados”. Ela é o carro chefe de minha vida. A minha esposa não trabalhava formalmente, mas ela trabalhava muito mais do que eu em casa. Eu saía para trabalhar e ela cuidava de 5 meninos e 2 meninas. Não tem como eu falar de tudo o que conquistei no banco sem falar que isso só aconteceu porque ela estava do meu lado, me ajudando, lutando e apoiando. Como eu disse, nós tivemos 7 filhos, um já é falecido, e temos 14 netos e 4 bisnetos.

63 anos de casado e uma família tão grande. Que coisa linda! Imagino que o banco tenha tido um papel importante nisso tudo.

A família é a base de tudo. Por várias vezes eu expliquei para meus funcionários que a gente precisa ter um bom relacionamento com a família. Eu diria até que você estando bem com a família você consegue produzir mais. A gente precisa ter afeto, dar afeto e receber afeto e ser alegre sempre. É um círculo virtuoso: você fica bem na empresa, vai feliz para a casa, dorme bem, encontra o apoio da família e volta para o trabalho renovado. Para mim, trabalhar no banco foi uma parceria muito boa. Eu me aposentei em 1992, tive uma linda festa e foi um reconhecimento que me gera emoções até hoje, mais de 30 anos depois. Eu cumpro as minhas obrigações e o banco foi digno comigo. Além disso, eu fiz muitas amizades e nós conseguimos manter essas amizades com a AJUBEMGE. E isso é muito importante, só tenho a agradecer o trabalho realizado pela nossa Associação. Grande parte das minhas melhores lembranças são da época do banco. Para você ter uma ideia, em todas as agências por

onde passei a gente sempre tinha um time de futebol de salão e fazíamos um excelente relacionamento com as empresas que tinham relação com o banco jogando futebol e com as pessoas que viviam no entorno das agências. Sempre fazíamos uma boa relação social.

Que maravilhoso! Eu estou realmente muito feliz com essa entrevista, acho que aprendi muito com o senhor e acho que todos da AJUBEMGE ficarão honrados com as suas palavras.

Estou muito feliz em poder compartilhar tudo isso.

Eu não posso esquecer de pedir para o senhor comentar um pouco sobre a sua vida após a aposentadoria. Sei que o senhor se tornou uma celebridade!

(Risos) Tenho muitas histórias para contar, mas realmente eu tive muitas situações em que sempre tentei lutar pelo que acredito e com isso ganhei algumas honrarias como a de Cidadão Honorário de Igarapé e a de Cidadão Honorário de Belo Horizonte. Em 2001 eu até escrevi um livro para contar toda a trajetória, o livro se chama “Memórias de um menino do interior”, mas o que me deu uma certa notoriedade foi outra coisa. É uma história um pouco longa e existem 2 livros tratando dela. Trata-se de um movimento social que eu ajudei a mobilizar para a remoção de 2 antenas de telefonia que estavam bem do lado da Capelinha do Padre Bento na minha cidade natal, Dom Joaquim. Essas antenas faziam parecer que a Capela tinha chifres! Como eu disse, a história é longa, mas a “Igrejinha” era e é uma parte muito importante da nossa identidade de cidadãos domjoaquineses. E esse movimento que eu falei fez com que nós buscássemos tanto a documentação da importância da nossa história quanto o apoio político de nossos representantes. E depois de muita luta, da imprensa cobrir a nossa situação, de aparições na Assembleia Legislativa, Prefeitura etc., após o Ministério Público do Estado de Minas nos apoiar, nós conseguimos a remoção das antenas. Acho que

resumi bem. Tem 2 livros: “Uma capela tantos significados” e “Um homem e seu lugar: Exemplo de cidadania” que são 2 lindas obras que apresentam bem essa história.

Nossa! Estou maravilhado com tanta cultura. Não dá vontade de terminar essa prosa. De toda forma, eu preciso pedir ao senhor para passar para os colegas que leem esse jornal uma mensagem final.

Eu penso que o ponto principal da vida é o de nunca desistir. Eu passei muita dificuldade dentro do banco, eu ouvia sempre que não podia avançar e mesmo assim eu não desistia e dizia que um dia ia ser gerente desse banco e eu consegui. Quem promove a gente são as pessoas, se a gente não conviver bem com as pessoas não tem como evoluirmos. O mais importante é a convivência, se relacionar bem. Depois do banco eu lutei contra as empresas OI e a Claro. É uma batalha de um pequeno contra gigantes, mas eu não desisti e assim foi fortalecendo uma corrente e fui batalhando e pensando que a gente ia conseguir. Insisto: O principal é não desistir. As pessoas veem as coisas erradas e já desistem. Nós precisamos acreditar que podemos melhorar o nosso país e não dá para esperar essa melhora de braços cruzados.

Lembranças de uma época em que o respeito permitia até almoço com o cliente na Agência!

Lúcio Aristides Daldegan França

Sr. Lúcio, gostaríamos de iniciar ouvindo do senhor um pouquinho sobre a sua origem. O senhor é de Belo Horizonte mesmo?

Eu sou nascido e “malcriado” (risos) em Belo Horizonte. Acho que a minha história é a que tem mais acontecimentos antigos aqui no jornal. Digo isso porque o meu pai nasceu em 1895, morava em Caratinga e estudou com Benedito Valadares Ribeiro que veio a ser governador de Minas Gerais nos anos 30. Tem até uma importante cidade aqui em Minas com o nome “Governador Valadares” em homenagem a ele. O Valadares foi trabalhar em Itaúna e levou meu pai junto e teve outras situações em que o meu pai tinha cargo de confiança. Até que ele conseguiu o cargo de Procurador da Prefeitura de Belo Horizonte. E foi muito importante esse trabalho porque papai passou por uma situação muito difícil: ficou viúvo e com 8 filhos para criar.

Nossa! Que desafio!

E esses 8 são na verdade meus “meio irmãos”! Porque eu sou fruto do segundo casamento de meu pai. E essa história é interessante. Uma vez ele estava fazendo um serviço da prefeitura e num

estabelecimento que era tocado por um italiano que veio antes da guerra havia uma moça de preto bastante triste. Papai achou a moça bonita e o italiano falou que ela era a sua filha e que morava antes em São João del-Rey, que tinha ficado viúva há pouco tempo e que ele não sabia “o que fazer com a moça”! Papai perguntou se o italiano concederia o direito de tentar conquistar a filha e, de pronto o direito foi concedido (risos)! Dessa relação é que nasceram eu, Lúcio, e meus irmãos Luiz e Luiza.

Que história interessantíssima Sr. Lúcio. E como o senhor foi parar no Banco?

Dos meus 12 aos 14 anos eu trabalhei numa farmácia, depois fui para uma operadora de seguros e ainda tive que servir ao exército. Quando saí do exército, em 1963 eu entrei no Banco Mineiro da Produção como “Contínuo”, depois passei para Caixa, Tesoureiro, Escriturário etc. Fui promovido a Subgerente já na Agência Praça 7. Mas eu passei por várias agências: Tupinambás, Barro Preto, CEASA. Na Barro Preto eu tinha a conta da Polícia Militar, era uma das agências com mais clientes. Não posso negar o apoio de meu pai para mim e outros irmãos entrarem no banco, mas eu trabalhei bastante viu!? O banco tinha um ambiente maravilhoso. Na Agência Praça 7 nós tínhamos um andar com salão de festas, salão de baile, sinuca, cabeleireiro, cinema, farmácia e serviços médicos. Para você ter ideia, na sobreloja da Ag. Tupinambás, eu consegui com o apoio dos funcionários montar uma cozinha e uma área de café. Era uma coisa linda. Lá a gente recebia os clientes mais importantes e rateávamos alguns custos para todo mês fazermos um churrasco.

O Banco realmente foi bem importante para a sua vida não é Sr. Lúcio?

Eu costumo dizer que o banco foi a nossa galinha de ovos dourados. Eu me casei em 1968 e, dentro das minhas possibilidades, com o salário do banco eu e minha esposa - que foi uma importante nutricionista tendo trabalhado na FIAT e diversas outras empresas – apoiamos os nossos 4 filhos. Além disso, me aposentei com 47 anos de idade. Quem consegue fazer isso hoje? E acho que não só eu como todo mundo que trabalhou naquela época guarda uma certa devoção. Eu nunca entrei com processo contra o banco e consegui coisas muito importantes na minha vida. E o mais interessante é que éramos uma verdadeira comunidade: as famílias dos funcionários se visitavam e sempre nos confraternizávamos.

E como foi a sua participação na AJUBEMGE? Eu sei que o senhor já fez parte da Diretoria da Associação.

Eu peguei uma época muito boa e com amigos muito inteligentes. Eu fiz parte da diretoria que comprou a sede própria além de termos feito várias reformas construindo a cantina por exemplo. Contudo acho que o mais importante foi também não ficar com o impacto de deixar o banco. Quando me aposentei, eu pensei que ia entrar em depressão, pois peguei o Plano Cruzado e não era fácil administrar a vida com tantas mudanças. Mas, o que posso dizer é que sou muito feliz de ter atuado no Banco Mineiro da Produção, no BEMGE e ter dado a minha contribuição para todos os amigos que fiz dentro do banco e na AJUBEMGE. O banco foi uma família. Hoje eu tenho amigos que conheço há mais de 60 anos! E eu nunca tive problemas com funcionários. Acho que levo isso para a vida: fazer boas relações para poder viver bem.

Dos tempos em que não existia calculadora digital à Faculdade na Terceira Idade

Nelson Cândido Barbosa

Nascido em Ituiutaba, Minas Gerais, Nelson Cândido Barbosa traz consigo uma jornada de vida marcada por experiências valiosas. Sua trajetória começou em dezembro de 1957 no Banco Mineiro da Produção em sua cidade natal. Em 1960, mudou-se para São Paulo, a partir de onde sua carreira bancária decolou.

Sr. Nelson, muito obrigado pelo seu tempo. A propósito, quando o senhor começou a trabalhar no banco?

Eu que agradeço a oportunidade de dividir um pouco da minha história profissional. Olha, em 1957 eu fui convidado para trabalhar no banco, como era comum na época, depois de um tempo a gente passava por rigorosos exames supervisionados pelos inspetores do Banco Mineiro da Produção para entrar oficialmente no Banco. No começo eu desempenhei a função de office-boy, mas depois comecei a crescer na carreira, virei escriturário, chefe de serviço e, finalmente, gerente na área financeira.

O senhor passou por muitas mudanças, não?

Olha, para você ter ideia, eu sou da época que não tínhamos a calculadora como temos hoje, era uma máquina de somar manual bem antiga que nós usávamos. As calculadoras começaram a ser introduzidas nas agências bancárias por volta de 1960. Passei tanto essa parte tecnológica quanto por outras. Em 1960 eu fui direcionado para trabalhar em São Paulo. Em São Paulo eu peguei para estudar na IBM: Métodos financeiros, Cálculos financeiros e “Como dirigir uma empresa”. Na época, eu aprendi muito mesmo, aproveitei essa oportunidade de morar em São Paulo para estudar. Além disso, eu me casei e vemos os nossos 2 primeiros filhos ainda em São Paulo. Aliás, já temos 58 anos de casados.

O senhor tem 2 filhos?

Na verdade, são 3. Depois de São Paulo eu vim para Belo Horizonte onde tivemos o nosso caçula. São 2 engenheiros e uma veterinária. Além dos 3 filhos já temos também 5 netos. Só que eles não moram em Belo Horizonte, aqui moramos eu e minha esposa.

E o senhor trabalhou até que ano?

Olha, essa parte é interessante porque eu trabalhei até o ano de 1988 que foi quando eu me aposentei. Só que como eu tinha muito conhecimento, fui convidado pela Secretaria Estadual da Fazenda para trabalhar na área financeira. Trabalhei mais 12 anos no Estado (risos).

12 anos após a aposentadoria?

(Risos) Mas não foi só isso. Depois que saí da Secretaria eu ainda fui cursar a Faculdade de Engenharia Civil. Eu me matriculei na FUMEC que é a Fundação Mineira de Educação e Cultura. Não vou mentir que no começo foi difícil, mas depois do 3º ano eu deslanchei e me

formei entendendo tudo. Foi uma realização particular que me deu muita alegria sim. Eu já tinha 60 anos quando me formei (risos).

Nossa! Que interessante! Pelo jeito o senhor pegou o aprendizado de como resolver os problemas do banco para buscar novos desafios tanto na Secretaria da Fazenda quanto fazendo Faculdade. É mais ou menos por aí?

Olha, na Secretaria da Fazenda acho que foi porque eu já tinha muitos anos na Gerência Geral do banco e a gente acaba sendo um pouco reconhecido. Você sabe que eu me lembro de ter sido chamado pelo diretor uma vez para acertar uma operação que estava com um serviço muito atrasado. Até o Banco Central nos acionou. E eu fui enviado para resolver o que 40 pessoas não estavam conseguindo e em 8 meses eu resolvi um imbróglio gigante. A diretoria ficou feliz demais da conta! Eu ganhei uma promoção e pouco depois me aposentei e aí veio a questão da Secretaria. Ou seja, o que eu me dediquei em estudar lá atrás, em aprender como era o sistema americano de financiamento – PRICE -, em entrar de cabeça na matemática financeira e em enfrentar de frente os desafios fez com que eu fosse visto e lembrado. Agora, quando eu fui para a faculdade, foi por prazer pessoal, até porque um engenheiro ganhava muito menos que um assistente financeiro (risos), e eu já tinha uma aposentadoria nas costas (risos)!

Sr. Nelson, o que o senhor mais tem saudades da época do banco?

Olha, naquela época ninguém me chamava se estivesse correndo tudo bem (risos). Mas a verdade seja dita: eu fiz muitas amizades, o Randas da AJUBEMGE é um amigo da minha época. Eu tinha muito contato com o pessoal da Área de Câmbio porque fui especialista em importação e exportação e aí você tem que falar com muita gente. Então a AJUBEMGE serve como ponte para manter essas amizades.

E qual mensagem o senhor deixaria para o nosso leitor?

Eu sempre aconselhei as pessoas a estudarem e respeitarem ao próximo. Acho importante que o profissional se aprofunde na função para saber o máximo que puder, seja aonde for, faça sempre o melhor, seja cada dia melhor para projetar o que você vai fazer para buscar a sua evolução. Claro que sempre tendo em primeiro lugar o respeito aos colegas e superiores e a dignidade.

Nossa grande Poeta de Diamantina

Poeta Beth Guedes

Dessa vez temos uma entrevista poética em que a nossa associada e poeta de Diamantina-MG Beth Guedes divide conosco uma história para lá de inspiradora! Leia até o final e se emocione (assim como nós da AJUBEMGE nos emocionamos).

Querida Poeta Beth Guedes! (risos). Quero começar a nossa prosa pedindo para que a senhora se apresente comentando as suas origens por favor.

Eu nasci no distrito de “Extração” popularmente conhecido como Curralinho situado há 10km do centro de Diamantina, região onde fica a famosa Gruta do Salitre, onde moravam meus ascendentes e descendentes. Sou a segunda de uma família com 7 filhos. Nasci com uma deficiência congênita, isto é, sem o acetábulo no quadril esquerdo. Na época, os médicos diziam que eu não poderia andar e a minha mãe fez uma promessa ao Divino Espírito. Eu fiquei 7 anos sem cortar o cabelo e usando roupas vermelhas. Eu só sei que consegui andar sim! (risos). Vivi a infância e os primeiros anos de escolaridade em Curralinho, sob o aconchego dos avós, pais, onde a professora descobriu que eu tinha o dom da escrita destacando-se nas

composições, afixadas no barbante na sala de aula. Na adolescência estudei num colégio internato para moças em Conselheiro Mata-MG, posteriormente em Diamantina. Nesse colégio, tive a oportunidade de escrever poemas para o Jornal Rumo ao Campo. Era um prenúncio da produção poética eu acho (risos), mas aos 17 anos a família se mudou para Diamantina em busca de estudo e trabalho para os filhos. Em Diamantina desenvolvi atividades com os poetas, artistas, intelectuais. Eu sempre tive envolvimento muito grande com as artes, especialmente com a poesia. Diamantina é uma cidade muito conhecida pela história, arquitetura, musicalidade e há trinta anos trabalho arduamente na divulgação da poesia e dos poetas.

Nossa! Uma poetisa filha da terra! E com esse histórico, como foi que a senhora entrou no BEMGE?

Em 1990 num concurso público concorrido fui aprovada no Banco do Estado de Minas Gerais - BEMGE e ingressei 2 anos depois, já em 1992. Nessa época eu cursava Letras em Diamantina, mas tranquei a matrícula e fui transferida para uma agência na cidade de Senador Modestino Gonçalves (cerca de 70km de Diamantina). Comecei no cargo de Escriurária, só que a agência era muito pequena e a gente acabava trabalhando em todas as áreas, com exceção do caixa. Ainda nessa época, meus superiores sabendo que eu tinha trancado a faculdade para poder trabalhar ficaram, digamos assim: sensibilizados. E, logo em 1993 eu voltei para trabalhar em Diamantina. Retornei aos estudos na Faculdade e conclui os cursos de Filosofia, Letras e Direito, mas sempre, em paralelo, mantendo o contato com a poesia. Assim, voltando a trabalhar em Diamantina, eu tive uma época muito marcante, desafiadora e motivadora para a minha realização humana e profissional.

Muitos desafios no Banco?

Na verdade, eu poderia dizer que foi uma época com muitos desafios pessoais por conta da minha limitação física e falta de acessibilidade e a deficiência foi se agravando devido as constantes necessidades diárias de subidas e descidas de escadas. Sempre gostei de trabalhar no BEMGE, fiz muitos amigos, mas as dores dentro do expediente eram muito fortes e necessitava acompanhamento ortopédico em BH. Eu fiz 7 cirurgias para facilitar a locomoção e por fim, uma junta médica optou como única solução a colocação de uma prótese no quadril. A assistência e acompanhamento do Plano de Saúde foram e continuam sendo imprescindíveis para a minha qualidade de vida ortopédica, isto é, o nosso convênio médico sempre estava do meu lado me apoiando, sempre! Em 1993 após uma cirurgia delicada para a colocação da prótese, houve uma recomendação médica para que eu não retomasse às atividades, sob pena de agravamento da sequela grave de luxação congênita no quadril. E assim, fui aposentada por invalidez em 1997 continuando com o acompanhamento ortopédico em BH, fisioterapias e pilates.

Que reviravolta Beth Guedes! E você encarando de frente os desafios!

Eu acho que nunca deixei me endurecer por essas coisas e isso tem a ver com a poesia que sempre esteve em mim.

Quer dizer que, de certa forma, Diamantina acaba sendo o palco para a sua carreira formal, no banco, e cultural como poeta e escritora, correto?

É isso (risos). Eu tenho uma gratidão absoluta pelo BEMGE adquirido posteriormente pelo Itaú. Eu sempre estive conectada com a arte poética encantada pelas belezas de Diamantina. Fui bastante persistente para chegar aos patamares com a produção poética. A deficiência serviu como elemento de superação para alcançar a realização dos meus sonhos. E avancei! Acho que o desafio é não

deixar ficar embrutecido. E o que me motiva para a vida, o meu dom, é a poesia.

E então, seguindo a cronologia, nos anos de 1997 você estava em Diamantina para seguir a vida, correto?

Bom, se for seguir a cronologia, eu gostaria de pontuar que ainda em 1987 eu lancei o meu primeiro livro: “Viver é Isso e Algo Mais”, essa obra eu publiquei por conta. Em 13 de agosto de 1988 junto aos poetas, escritores fundamos o Grupo de Incentivo ao Escritor Diamantinense - GIED, atualmente sou a Presidente, expandindo o contato com os músicos, artistas, através do projeto de “Arte no Beco”, “Poesia no Beco”. Divulgando a poemas mimeografados nos palcos, bares no lendário Beco do Mota ao público-leitor.

Mais ou menos dos anos de 1990 em diante eu entrei firme com essa vertente cultural da poesia, sarau nas ruas etc. Com muita honra eu ajudei a fundar a Academia de Letras e Artes de Diamantina – ALAD no ano de 1996, contribuindo para a efervescência poética.

Ou seja, imagino que a senhora foi se tornando aos poucos uma referência.

Não sei se é exatamente essa a palavra, mas o que posso te dizer é que eu tive uma certa visibilidade, que me orgulha muito. Eu encaro tudo pelo lado de valorização da poesia. Eu tenho a alegria de ter sido empossada para diversas academias artísticas como: a Academia Mineira de Belas Artes (a qual tive a honra de tomar posse em Ouro Preto), a Academia Feminina Sul-Mineira de Letras, a AFESMIL - Academia Maranhense de Ciências e Artes, Academia de Letras do Vale do Jequitinhonha – ALVA, sendo membro da Diretoria Consultiva, em breve serei empossada na Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências de Porto Alegre-RS e por aí vou levando a bandeira da poesia... (risos). Aliás, eu falei da Academia de Letras do

Vale do Jequitinhonha. Diamantina é a porta de entrada do Vale. Destaco, o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha-FESTIVALE sendo premiada e homenageada no Concurso de Poesia Escrita e Falada em julho nesse ano fui homenageada formalmente com o título da “NOITE LITERÁRIA BETH GUEDES” em Itaobim-MG.

Que fantástico!

Agora, se você quiser retomar a cronologia, no ano de 2006 eu me casei e fui muito feliz por 15 anos ficando viúva no Natal de 2019. Imediatamente iniciei uma terapia de superação ao luto e bloqueio inclusive para retomar à escrita. Em 2021 escrevi o livro O Sopro do belo, onde faço as narrativas da infância, amor, saudades. Com a convivência o meu esposo se tornou um poeta e foi parceiro dos saraus e tenho a alegria de ter levado o meu esposo para o palco do Sarau. Isso é algo que me marca muito!

E quais são os seus projetos atuais?

A poesia é a minha missão de vida, através dela eu busco fazer a diferença no coração do leitor através da leveza e despertar a sensibilidade, gosto pela escrita e leitura. Atualmente apresento e organizo saraus poéticos em Diamantina e Extração/Currálinho-MG mensalmente em projetos poéticos. Nos saraus denominados inclusão esse projeto é maravilhoso! No palco destacam-se os poetas: negro, deficiente, mulher, homossexual, junto aos demais participantes. Essas pessoas que no dia a dia são invisibilizadas, no palco elas são aplaudidas, respeitadas e eu estou sempre buscando os novos talentos. Tenho contato com pessoas de todo o Brasil que procuram Diamantina para o turismo e levam a poesia de brinde (risos).

Eu faço um trabalho que considero muito importante que é o de levar a poesia e projetos culturais para as escolas, universidades. Você não

sabe como é gratificante ver as crianças, jovens, adultos declamando poesias! (risos).

Bom, só para eu não esquecer, sou autora das obras poéticas: Viver é Isso e Algo Mais (1987), A Pá (lavra) (Armazém de Ideias, 2015), “A Leveza da Vida em Verso” (Arte Desemboque Arte Editorial, 2013), “O Sopro do Belo” (Carpe Librum, 2021), Caligrafia do Entardecer (Carpe Librum, 2022). Esporadicamente público no Jornal Voz de Diamantina e regionais.

Queria agradecer a brilhante entrevista concedida e pedir uma mensagem final!

Gratidão à AJUBEMGE, ao Jornalista Sergio Rizo pelo espaço de visibilidade aos associados para compartilharem as suas histórias na trajetória do BEMGE, o Banco orgulho de Minas Gerais e dos mineiros. Quem ama a poesia é mais feliz! A poesia é o encantamento pelo belo! O poeta é um encantador de palavras! Deus é Poeta! Somos todos poetas! Leiam e escrevam poesias!

Conheça a AJUBEMGE



“Uma força de vida”

1. Quem somos

Somos a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS APOSENTADOS, PENSIONISTAS, FUNCIONÁRIOS E EX-FUNCIONÁRIOS DO CONGLOMERADO BEMGE – AJUBEMGE, nossa sede e foro situa-se em Belo Horizonte (MG). A AJUBEMGE é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que congrega aposentados, pensionistas, funcionários e ex-funcionários do BEMGE ou de empresas coligadas e de seus sucessores.

2. São finalidades da AJUBEMGE

I – Defender interesses e reivindicar direitos de seus associados;

II – Incentivar a solidariedade e confraternização dos seus associados e de seus familiares;

III – Promover eventos sociais, culturais e artísticos de interesse dos associados e de seus familiares;

IV – Cooperar, estabelecer intercâmbio e/ou participar de entidades congêneres ou assemelhadas, sindicatos, federações e caixas de assistência;

V – Apoiar as iniciativas que visem a melhoria das condições de vida da classe que representa;

VI – Representar, judicial ou administrativamente, os associados em assuntos específicos junto às autoridades governamentais, administrativas e previdenciárias;

VII – Defender, junto ao BEMGE, BEMGECAIXA, FASBEMGE e entidades a eles filiadas, e/ou seus sucessores, os interesses da classe que representa;

VIII – Editar informativo mensal a ser enviado aos associados, interessados e autoridades;

IX – Trazer a classe bem informada de seus direitos e deveres e nomear representantes em outras cidades;

X – Filiar-se às entidades congêneres, para formação de federações, sempre com a aprovação da A.G.E. convocada para este fim;

XI – Adotar outras medidas claramente definidas como de interesse dos associados.

3. Diretoria

Diretora Presidente: Laíz Maria Martins Lannes,

Diretora Vice-Presidente: Terezinha Bertolini de Souza,

Diretor Financeiro: Randas Costa Zanotti ,

Diretora Comercial: Mirani Lopes Vieira Liberal,

Diretor Cultural e Social: Luiz Fernando da Silva

Telles e Diretor Administrativo: Edgard Magalhães Bastos, Conselho Fiscal – Efetivo: Plínio Buarque Vogas, Lourival Lelles e Adair José de Souza,

Suplentes da Diretoria Executiva: Maria Olímpia Marques Ferreira, José Antônio da Costa, Rosângela Custódio, José Mauro de Carvalho, Mauro

Peres Macedo e Hélio Vieira Braga, Suplentes do Conselho Fiscal: José Gregori Júnior e Délcio Pinto da Silva,

Diretores Adjuntos: Jonair Alves de Oliveira (Governador Valadares), José Roberto Oriente (Rio de Janeiro), Rubens Prates Macedo (Belo Horizonte), Tarcísio Ferreira da Costa (Belo Horizonte).

4. Funcionários

Elisabeth de Faria Almeida,

Maria Aparecida da Silva,

Vanina de Freitas Pontes Vieira e

Wilma Soares Lima

5. Contatos

Nossa Sede: Rua Curitiba 689, 4º Andar – Centro – Belo Horizonte/MG

Fale com o Presidente: (31) 99492-7166

Fale Conosco: (31) 3201-9423

segunda a sexta, de 08:00 à 17:00

Na internet:



www.ajubemge.com.br



[Instagram.com/Ajubemge](https://www.instagram.com/Ajubemge)



[Facebook.com/AJUBEMGE](https://www.facebook.com/AJUBEMGE)



[Youtube.com/@ajubemge](https://www.youtube.com/@ajubemge)

Participe de nossas lives que acontecem toda a última quinta-feira de cada mês em nosso canal do Youtube:

AJUBEMGE - Assoc. dos Func. Aposentados do BEMGE

@ajubemge · 122 inscritos · 43 vídeos

Somos a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS APOSENTADOS, PENSIONISTAS, FUNCIONÁRIOS ... >

ajubemge.com.br e mais 2 links

Início Vídeos Shorts Ao vivo Playlists Comunidade

Mais recentes Em alta Mais antigo

Prevenção ao Câncer de Próstata - Campanha Novembro Azul
Programado para 30/11/2023, 14:00
Receber notificações

Prevenção ao Câncer de Mama - Campanha Outubro Rosa
37 visualizações
- Transmitido há 2 semanas

Prevenção a Acidentes de Trânsito
30 visualizações
- Transmitido há 4 meses

TV AJUBEMGE - Prevenção e Combate da Violência ao Idoso
71 visualizações
- Transmitido há 5 meses

Consscientização sobre Autismo em Adultos
1.10.22

Saúde do Idoso e o Câncer Intestinal
39.13

Doença de Alzheimer: Informação é o melhor caminho
1.16.01

Memória e Atenção da Pessoa Idosa
28/07 de 14h
1.02.28